



22142298



**PORTUGUESE B – HIGHER LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS B – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS B – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1**

Tuesday 13 May 2014 (morning)  
Mardi 13 mai 2014 (matin)  
Martes 13 de mayo de 2014 (mañana)

1 h 30 m

---

**TEXT BOOKLET – INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for paper 1.
- Answer the questions in the question and answer booklet provided.

**LIVRET DE TEXTES – INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- N'ouvrez pas ce livret avant d'y être autorisé(e).
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l'épreuve 1.
- Répondez à toutes les questions dans le livret de questions et réponses fourni.

**CUADERNO DE TEXTOS – INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos para la prueba 1.
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

## TEXTO A

**Hortas urbanas conquistam terreno em Portugal**

Imaginem-se canteiros repletos de pés de cenoura, alface e beterraba na acinzentada paisagem da metrópole. Parece um cenário idílico mas as hortas urbanas são uma realidade e um fenómeno em crescimento, inspirando a população citadina a boas práticas ambientais, para além de requalificarem os espaços urbanos e contribuírem para projectos de inclusão social.

5 Não sendo um fenómeno recente em Portugal, as hortas urbanas, enquanto parte integrante da paisagem nas imediações das grandes cidades, começam agora a ganhar novos adeptos. Com origem em grande parte na migração rural, estas hortas foram nascendo do imprevisto e da vontade de ocupar o tempo mas, actualmente, começam a ser encaradas pelas autarquias como forma de intervenção ao nível da sustentabilidade do meio ambiente ao possibilitar a proliferação dos  
10 espaços verdes, a renovação da paisagem urbana e ao reduzir as emissões do sector dos transportes. Estes espaços constituem também locais de formação de crianças e jovens que começam desde cedo a valorizar a produção nacional e a desenvolver uma consciência ambiental.

Num plano mais abrangente, dominado pela crise do combustível e escassez de determinados alimentos, esta tendência ganha ainda mais força vindo ao encontro de alguns adeptos das hortas  
15 urbanas entre nós. Já nos anos 80, o arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles defendia a importância destas hortas apontando alguns exemplos do que já há muito se fazia lá fora, em especial nos países da Europa do Norte, região que viu nascer este conceito. Mas para que as hortas urbanas se imponham enquanto fenómeno social não basta a boa vontade individual, terão que ser as autarquias a promover incentivos dando origem a projectos municipais. É que  
20 não está em causa apenas o acesso a novos terrenos. O acesso à água para rega, a protecção ao roubo e ao vandalismo são também desafios que se colocam e aos quais é necessário dar resposta. Manuela Raposo Magalhães, arquitecta paisagista e professora do Instituto Superior de Agronomia, vai mais longe e defende mesmo a integração das hortas urbanas “para criar as condições e agilizar o licenciamento destas actividades”.

25 É neste contexto que assistimos ao nascimento de novos espaços comunitários por todo o país. Nesta matéria, Lisboa assume-se com uma aposta clara tendo apresentado um plano que prevê, a par do melhoramento das já conhecidas hortas, a criação de hortas novas em Campolide e Telheiras. Ainda em Lisboa, merecem igualmente destaque dois projectos que têm ambos lugar na Alta de Lisboa. Um deles levado a cabo pela Escola Trinta e Quatro que  
30 transformou um matagal numa horta graças ao envolvimento de pais, professores e alunos que vêm nascer produtos que vão parar directamente à mesa, promovendo desta forma uma alimentação mais saudável.

Exemplos que remetem para a necessidade de repensar o papel destas iniciativas como elementos de inovação urbana dotando as cidades de espaços que enriqueçam a vida e a saúde de  
35 quem nelas habita.

<http://www.camarasverdes.pt/tema-especial/> (2010)

## TEXTO B

## SER MÃE NÃO É PROFISSÃO

Veja

EDIÇÃO ESPECIAL MAIO DE 2010

MULHER

Por Ana Claudia Fonseca e Bruna Rodrigues

O grande dilema do século XXI – cuidar dos filhos ou da carreira – impõe às mulheres uma nova postura, mais forte e exigente. A ativista Margaret Sanger repetia com assiduidade a máxima: “A maternidade é a mais sagrada das profissões do mundo, e é uma profissão que exige mais preparação do que qualquer outra destinada às mulheres”. Ser mãe, hoje como antes, dá trabalho – e quase sempre em dupla jornada –, mas a metáfora do início do século XX envelheceu, e toda mulher sabe que profissão é outra coisa, é um emprego como o que os homens podem ter. Atualmente, maternidade e trabalho profissional são expressões que costumam colidir. É um dos grandes dilemas de nosso tempo, a dura opção entre a maternidade e a carreira.

É possível compreendê-lo por meio de estatísticas. Um estudo da Universidade de São Paulo mostra que trabalhadoras com filhos pequenos têm em média, no Brasil, salário 27 % menor que o de suas colegas sem filhos. “Apesar de todos os avanços dos últimos anos, as mulheres continuam sendo o maior objeto de preconceito nas empresas brasileiras, seguidas pelos idosos e por menores de 25 anos,” diz Hermano Roberto Thiry-Cherques, Coordenador Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

Para a mãe que trabalha é forte a cobrança, pública e privada, para cuidar do filho e do emprego ao mesmo tempo e de igual maneira, algo que não é pedido aos homens. Há excelentes profissionais que não são bons pais – e pais dedicados que não são bons profissionais.

Há um paradoxo instalado. A vitoriosa revolução feminina, que lutou por igualdade de direitos, pode involuntariamente ter barrado o acesso das mulheres ao trabalho – pelo simples fato de que elas são biologicamente diferentes dos homens, especialmente porque concebem. O resultado: em muitos países, mesmo nos mais liberais e democráticos, as mulheres rejeitam a maternidade.

Adiar a maternidade não resolve. Outra contradição deste início de século XXI complica a busca por isonomia dos gêneros. As mulheres estudam mais que os homens, ocupam mais assentos em universidades, mas não se nota esse benefício nos salários quando avançam na carreira e envelhecem. Ou seja: a mulher ganha menos quando fica mais velha, e ganha menos ainda ao associar a profissão com a maternidade.

Não é o caso de afirmar, por estar distante da realidade, que a revolução feminina tenha sido derrotada por um desiderato biológico. O que brota são iniciativas, de governos e empresas, que começam a permitir que mães trabalhem como pais. É um movimento que muda tudo.

Como a crise econômica atingiu mais duramente os setores tradicionalmente masculinos, como a indústria automobilística e a construção civil, as mulheres – no exterior, mas também no Brasil – estão cada vez mais assumindo o papel de chefe de família (são 34,9 % no Brasil), desafiando o status do homem como provedor. Criou-se, portanto, um novo personagem: o dono de casa. “A ideia de que os homens são provedores exclusivos entra, aos poucos, em colapso,” diz Rob Williams, Diretor do *Fatherhood Institute*.

Texto adaptado: <http://veja.abril.com.br/> (2010)

## TEXTO C

## A MIGRAÇÃO EM CABO VERDE

*CAMPO – Centro de Apoio ao Migrante no País de Origem*

A Migração tem sido um fenómeno caracterizador de Cabo Verde. Poucos países sentiram a migração para o exterior de forma tão intensa quanto Cabo Verde. Virtualmente, todas as famílias têm um parente que vai emigrar ou que já faz parte da Diáspora, num país em que a população na diáspora, excede claramente, o total de caboverdianos que vive dentro do arquipélago.

5 As décadas mais recentes, no entanto, foram marcadas pelo declínio da emigração, pelo crescimento continuado da população e pela pressão da imigração – principalmente da África Ocidental.

10 Apesar do desempenho ao nível da governação económica, social, política e geral do país ter melhorado gradualmente, a migração laboral (incluindo migração temporária), especialmente para a Europa, continua a ser uma opção atraente para muitos cidadãos caboverdianos. A partir dos anos 80, a migração caboverdiana é marcada não só por móveis económicos mas, também sustentada e fundada em fluxos e lógicas de reunificação familiar que aumentaram, em particular, a partir dos anos 80.

15 A economia caboverdiana é, desde há muito tempo, dependente, em grande parte dos recursos financeiros remetidos pelas suas comunidades espalhadas pelo mundo. Um estudo recente sobre remessas enviadas por caboverdianos na Diáspora e seu impacto no desenvolvimento de Cabo Verde, mostrou que o volume global de fluxos de remessas neste arquipélago atingiu os 137 milhões de USD em 2005. Se tradicionalmente este dinheiro era usado em despesas relacionadas com o consumo, de acordo com o mesmo estudo, e mais recentemente

20 os caboverdianos começaram a canalizar parte destas remessas para poupanças e investimentos. Considerando o peso das remessas no Produto Interno Bruto de Cabo Verde, torna-se necessário desenvolver uma campanha de promoção e disseminação da informação para a mobilização de caboverdianos e da Diáspora, para investimento futuro no seu país de origem.

25 [ – X – ], importa apresentar esquemas atractivos de migração de retorno, nomeadamente através da promoção de migração temporária e circular.

Consequentemente, [ – 27 – ] a capacidade das instituições caboverdianas que lidam com a migração, com vista a:

- 30 • garantir oportunidades de trabalho a potenciais migrantes nos mercados de trabalho dos países de destino e acesso a informação pertinente sobre previdência social e condições legais em países da UE [ – 28 – ];
- fornecer informação e [ – 29 – ] mercado de trabalho de Cabo Verde, bem como estimular os caboverdianos a aproveitarem oportunidades de migração de [ – 30 – ];
- 35 • disseminar informação pertinente, sobre a possibilidade de criação de pequenos negócios e formação em gestão, [ – 31 – ] actuais empresários migrantes a investir em Cabo Verde, desenvolvendo actividades geradoras de rendimentos e emprego.

<http://www.campo.com.cv/> (2012)

Foto: <http://www.africa-turismo.com/> (2012)

## TEXTO D

## DEBAIXO DA PONTE

Carlos Drummond de Andrade

Moravam debaixo da ponte.

Oficialmente, não é lugar onde se more, porém eles moravam. Ninguém lhes cobrava aluguel, imposto predial, taxa de condomínio: a ponte é de todos, na parte de cima; de ninguém, na parte de baixo. Não pagavam conta de luz e gás, porque luz e gás não consumiam. Não reclamavam  
5 contra falta de água, raramente observada por baixo de pontes. Problema de lixo não tinham; podia ser atirado em qualquer parte, embora não conviesse atirá-lo em parte alguma, se dele vinham muitas vezes o vestuário, o alimento, objetos de casa. Viviam debaixo da ponte, podiam dar esse endereço a amigos, recebê-los, fazê-los desfrutar comodidades internas da ponte.

À tarde surgiu precisamente um amigo que morava nem ele mesmo sabia onde, mas certamente morava: nem só a ponte é lugar de moradia para quem não dispõe de outro rancho. Há bancos confortáveis nos jardins, muito disputados; a calçada, um pouco menos propícia; a cavidade na pedra, o mato. Até o ar é uma casa, se soubermos habitá-lo, principalmente o ar da rua. O que morava não se sabe onde vinha visitar os de debaixo da ponte e trazer-lhes uma grande  
10 posta de carne.

Nem todos os dias se pega uma posta de carne. Não basta procurá-la; é preciso que ela exista, o que costuma acontecer dentro de certas limitações de espaço e de lei. Aquela vinha até eles, debaixo da ponte, e não estavam sonhando, sentiam a presença física da ponte, o amigo rindo  
15 diante deles, a posta bem pegável, comível. Fora encontrada no vazadouro, supermercado para quem sabe frequentá-lo, e aqueles três o sabiam, de longa e olfativa ciência.

Comê-la crua ou sem tempero não teria o mesmo gosto. Um de debaixo da ponte saiu à caça de sal. E havia sal jogado a um canto de rua, dentro da lata. Também o sal existe sob determinadas regras, mas pode tornar-se acessível conforme as circunstâncias. E a lata foi trazida para debaixo da ponte.  
20

Debaixo da ponte os três prepararam comida. Debaixo da ponte a comeram. Não sendo operação diária, cada um saboreava duas vezes: a carne e a sensação de raridade da carne. E iriam aproveitar o resto do dia dormindo (pois não há coisa melhor, depois de um prazer, do que o prazer complementar do esquecimento), quando começaram a sentir dores.  
25

Dores que foram aumentando, mas podiam ser atribuídas ao espanto de alguma parte do organismo de cada um, vendo-se alimentado sem que lhe houvesse chegado notícia prévia de alimento. Dois morreram logo, o terceiro agoniza no hospital. Dizem uns que morreram da carne, dizem outros que do sal, pois era soda cáustica.  
30

Há duas vagas debaixo da ponte.

<http://leiturasdonelton.blogspot.com.br> (2007)

## TEXTO E

## A ETIQUETA DO CELULAR

Quatro pessoas do segundo escalão\* de um ministério – todas inteligentes e simpáticas – sentavam-se comigo à mesa, informalmente. Impaciente, pesquei uma revista na pasta e comecei a ler. Isso porque cada uma



5 daquelas pessoas estava ao celular resolvendo problemas inadiáveis da República. Há incontáveis exemplos na mesma direção. Em conferência com um ministro centro-americano, o celular pousado em sua mesa tocava com frequência – e era atendido. Outro exemplo: uma

10 pessoa apresentou-se para uma entrevista, em que pedia alguma coisa importante. Mas toca o seu celular e segue-se uma longa e animada conversa. Contam-me também que há escolas onde alunos e professores, em plena aula, usam abundantemente os celulares. E nos concertos, então?

15 [ – 49 – ] Em reuniões ministeriais, cria-se um berçário para celulares à porta da sala e fica uma secretária tomando conta. Antes de entrar o presidente da República em alguma cerimônia, o arauto do protocolo manda desligar os celulares.

Ou muito me engano, ou há um equívoco na etiqueta do celular abaixo do Equador. Dos americanos – considerados pelos europeus como no [ – 50 – ] – não nos veio esse mau hábito. O celular é usado com circunspeção: (1) executivos não devem deixar

20 ligados seus celulares quando se encontram com outras pessoas e (2) restaurante não é cabine telefônica, é para comer.

Por que, em nosso país do “homem cordial”, somos tão atabalhoados na etiqueta do celular? A mesma pessoa faz gentilezas, abre portas para as mulheres, usa corretamente os talheres, não arrotta, pede licença para se retirar, não interrompe a conversa dos outros

25 mas, alegremente, palra no celular diante de um grupo de amigos ou clientes.

Uma explicação possível: por décadas os telefones eram precários e as ligações difíceis, havia que ser rápido antes que caísse. Conseguir falar era uma vitória. Nesta situação, criou-se uma norma pragmática: diante [ – 51 – ] falar com alguém longe, a ligação teria precedência sobre quem está perto. Mas a trabalhadeira e o preço

30 eram tão altos que só coisa importante justificava a chamada.

Hoje, os telefones dão linha e falam, [ – 52 – ] do celular invadiu o país. Tudo funciona – demais, com excessiva frequência. Mas a mudança foi muito rápida, a antietiqueta do “telefone/emergência” sobreviveu e invadiu o período do “telefone/tagarelice”. Será que não seria [ – 53 – ] a velha etiqueta de dar preferência ao nosso interlocutor já estabelecido e não interrompê-lo sei lá quantas vezes com a zoada do celular e a conversa que se segue? Por que um povo de trato doce não abandona essas interrupções tão pouco civilizadas?

Texto adaptado: <http://veja.abril.com.br/> (2000)

Foto: [www.zoom.com.br](http://www.zoom.com.br) (2000)

\* segundo escalão: são os cargos de secretários executivos de cada ministério